

**HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS NO YOUTUBE E COMBATE A
PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES: ESTRATÉGIAS
EXTENSIONISTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA****STORIES FOR CHILDREN ON YOUTUBE AND FIGHTING
PREJUDICE AND DISCRIMINATION: EXTENSION STRATEGIES IN
TIMES OF PANDEMIC****HISTORIAS PARA NIÑOS EN YOUTUBE Y LUCHA CONTRA LOS
PREJUICIOS Y LA DISCRIMINACIÓN: ESTRATEGIAS DE
EXTENSIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA**

Larissa Fortes Carvalho¹
Rosângela Araújo Darwich²

RESUMO

Este relato de experiência objetiva apresentar alterações que foram realizadas em um projeto de extensão e pesquisa devido à situação de pandemia do novo coronavírus. As estratégias interventivas originais sustentavam a constituição de grupos focais para investigação da utilização de literatura infantil no combate a preconceitos e discriminações na infância. Em sua nova versão, os encontros presenciais em grupo foram substituídos por duplas de participantes, formadas com uma criança e uma pessoa adulta de referência. Utilizamos seis vídeos de histórias infantis, que foram carregados na plataforma YouTube, e entrevistas on-line armazenadas na nuvem Google Drive. Após a aceitação de um convite com detalhes acerca do estudo, compartilhado em redes sociais virtuais, os participantes passaram a receber, pelo WhatsApp, links correspondentes aos vídeos e entrevistas. Tendo a internet como suporte metodológico foi mantida a possibilidade de reflexão e diálogo enquanto forma de superação de preconceitos e discriminações por meio do contato com literatura infantil em contexto de troca social. Além disso, foi ampliado o alcance da coleta de dados e preservada a comunicação entre a Universidade da Amazônia e a sociedade em situação de pandemia e isolamento social.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Pandemia do Novo Coronavírus; Literatura Infantil; Preconceito e Discriminação; Internet.

ABSTRACT

This experience report aims to present changes that were made in an extension and research project due to the pandemic situation of the new coronavirus. The original interventional strategies supported the establishment of focus groups to investigate the use of children's literature to combat prejudice and discrimination in childhood. In its new version, the

¹ Estudante de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) - 2019-2020. E-mail da autora principal: larissa21fortes@gmail.com.

² Doutorado: Universidade Federal do Pará Estágio pós-doutoral: Universidade Protestante de Freiburg, Alemanha. Universidade da Amazônia (UNAMA).

face-to-face group meetings were replaced by pairs of participants, formed with a child and an adult reference person. We used six videos of children's stories, which were uploaded to the YouTube platform, and online interviews which were stored in the Google Drive cloud. After accepting an invitation with details about the study, shared on virtual social networks, the participants started to receive, through WhatsApp, links corresponding to the videos and interviews. With the internet as a methodological support, the possibility of reflection and dialogue was maintained as a way of overcoming prejudice and discrimination through contact with children's literature in the context of social exchange. In addition, the scope of data collection was extended and communication between the Universidade da Amazônia and society in a situation of pandemic and social isolation was preserved.

Keywords: COVID University Extension; New Coronavirus Pandemic; Children's Literature; Prejudice and Discrimination; Internet.

RESUMEN

Este informe de experiencia tiene como objetivo presentar los cambios que se llevaron a cabo en un proyecto de extensión e investigación debido a la situación pandémica del nuevo coronavirus. Las estrategias de intervención originales respaldaron el establecimiento de grupos focales para investigar el uso de la literatura infantil para combatir los prejuicios y la discriminación en la infancia. En su nueva versión, las reuniones grupales cara a cara fueron reemplazadas por pares de participantes, formados por un niño y una persona de referencia adulta. Utilizamos seis videos de cuentos infantiles, que se cargaron en la plataforma de YouTube, y entrevistas en línea almacenadas en la nube de Google Drive. Después de aceptar una invitación con detalles sobre el estudio, compartida en redes sociales virtuales, los participantes comenzaron a recibir, a través de WhatsApp, enlaces correspondientes a los videos y entrevistas. Con Internet como soporte metodológico, se mantuvo la posibilidad de reflexión y diálogo como una forma de superar los prejuicios y la discriminación a través del contacto con la literatura infantil en el contexto del intercambio social. Además, se amplió el alcance de la recopilación de datos y se preservó la comunicación entre la Universidade da Amazônia y la sociedad en una situación de pandemia y aislamiento social.

Palabras clave: Extensión Universitaria; Nueva Pandemia de Coronavirus; Literatura Infantil; Prejuicio y Discriminación; Internet.

1. INTRODUÇÃO

Preconceitos e discriminações são expressos por meio do não-reconhecimento de diferenças ou da falta de respeito diante delas e constituem as bases das mais diversas violências vivenciadas socialmente. Tais concepções e atitudes caminham junto com estereótipos, estigmas, intolerância e exclusão, naturalizando e perpetuando relações de dominação e vivências de sofrimento, como nos casos de racismo e violência de gênero (BANDEIRA; BATISTA, 2002; MACHADO, 2000; MUNANGA, 2000).

Estereótipos e estigmas são reproduzidos de forma aberta ou camuflada, seja institucionalmente ou por meio de comportamentos e posturas individuais e de figuras de representatividade. A mídia ocupa um espaço especial, com propagandas de produtos e padrões de valores e modelos a serem seguidos, entre outros aspectos que ajudam a compor um imaginário coletivo muitas vezes violento (SILVA, 2010).

O investimento na implementação de pesquisas-ação, na Universidade da Amazônia (UNAMA), representa um esforço de realização de estudos interdisciplinares e de articulação entre atividades de ensino, pesquisa e extensão. A universidade, assim, é concretizada enquanto espaço privilegiado de construção de conhecimento em contato direto com a comunidade (PACHANE; SCHULZ, 2011).

O projeto de iniciação científica ao qual este relato de experiência se refere passou a integrar o conjunto de atividades extensionistas planejadas para o ano de 2020 na UNAMA. Construção de respeito à diversidade é a estratégia de combate a preconceitos e discriminações que ele defende. Com foco na infância, corresponde a uma medida de prevenção, mas também remediativa, já que, conforme Cruz (2014), ser autor ou ser alvo de intolerância costuma ter início precocemente.

A contação de histórias é um costume pertencente à tradição oral que foi resgatado pela área da educação e que, enquanto recurso simbólico, expande a imaginação, incentivando também a leitura e a escrita. Mais do que isso, pode ter efeitos positivos sobre a aquisição de prazer em ler, dentre outras experiências afetivas despertadas pelo texto, principalmente quando este é aliado a reflexões acerca de experiências cotidianas (PERES; NAVES; BORGES, 2018; PORCACCHIA; BARONE, 2011; SILVA, 2017).

Segundo Souza e Bernardino (2011, p. 236),

As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Se a contação de histórias é instrumento de socialização e oportunidade de construção de valores democráticos, a forma como ela pode ser utilizada foi ampliada pela internet. Por exemplo, a leitura de livros pode ser filmada e o vídeo resultante, disponibilizado na plataforma YouTube. Diante da situação de pandemia do novo coronavírus, o YouTube foi fundamental para a realização das alterações sofridas pelo projeto, assim como a ferramenta Google Forms. Este relato de experiência objetiva apresentar as alterações que foram realizadas de modo a manter a investigação da utilização de literatura infantil no combate a preconceitos e discriminações na infância.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pandemia do novo coronavírus e o isolamento social daí resultante tornaram necessárias alterações no procedimento originalmente previsto no projeto “Literatura Infantil e Construção Social no Ensino Fundamental”, que constitui um desdobramento de uma pesquisa-ação que está sendo implementada na Universidade da Amazônia desde 2016 (DARWICH; GARCIA, 2019).

Estava prevista a utilização de método vivencial de aprendizagem aliado à formação de grupos focais e de grupos controle. Estes foram excluídos, assim como a aplicação de instrumento padronizado em situação de pré- e pós- teste, e a internet foi utilizada como suporte metodológico, com realização de análise qualitativa, nos moldes descritos por Deslandes e Coutinho (2020) no que tange à pesquisa social em ambientes digitais.

A cada semestre seria formado um grupo focal em uma escola de ensino fundamental com cerca de dez crianças que participariam de dez encontros, com periodicidade semanal. Cada encontro seria baseado na leitura de um livro seguida por atividades como desenhos e colagens e pelo compartilhamento de ideias orientado por um roteiro de entrevista semiestruturada.

No sentido de adaptação da proposta a um modelo que respeitasse o distanciamento social, os encontros presenciais de grupos de crianças com a extensionista foram substituídos pelo contato indireto com ela. Para tanto, seis vídeos com contações de história e um de apresentação da pesquisa, e sete roteiros de entrevista on-line foram disponibilizados a dez duplas de participantes formadas por uma criança, de 4 a 11 anos, e uma pessoa adulta de

referência - em nove casos, a mãe e em um, o pai. As crianças estavam cursando do Jardim 2 ao 6º ano, nove delas no Brasil (Belém e São Paulo) e uma em Portugal (Coimbra).

O aplicativo Google Forms foi utilizado para elaboração das entrevistas a serem respondidas pelas crianças e, portanto, a serem aplicadas pelos participantes adultos imediatamente após cada vídeo. Assim sendo, houve a substituição da pessoa da extensionista pela pessoa adulta de referência também no preenchimento dos formulários armazenados na nuvem Google Drive.

Para compartilhamento dos vídeos e das entrevistas, links gerados a partir de postagens no YouTube e no Google Drive foram disponibilizados sequencialmente aos participantes adultos pela rede social WhatsApp. Assim, cada dupla de participante pôde, em seu ritmo próprio, entrar em contato com as etapas planejadas.

Em substituição à divulgação presencial em uma escola, a divulgação da pesquisa em redes sociais virtuais foi realizada como estratégia de captação de participantes. O preenchimento de um formulário-convite, que descrevia os objetivos da pesquisa e os procedimentos adotados, correspondeu à explicitação do desejo de participar. Com isso, pudemos ter acesso a crianças participantes de uma faixa etária mais ampla e que se encontravam em diferentes cidades, quando originalmente estava prevista a formação de grupo focal em uma única turma de uma escola específica.

Seis livros foram selecionados para as contações de história: “Por que sou uma menina xadrez” (FRANCO; LOLLO, 2015), “Sulwe” (NYONG’O, 2019), “O Menino Marrom” (PINTO, 1986), “Sapo” (HIMMELREICH et al., 2013), “A Princesa Melancia” (KIND, 2018) e “Entra por um ouvido e sai pelo outro” (WINTERBERG, 2015). Para a gravação dos vídeos foi realizada leitura do texto pela extensionista diante da passagem das páginas correspondentes nos livros. Os vídeos foram disponibilizados no canal “Grupos Vivenciais” da plataforma YouTube, na playlist “Lendo com os Grupos Vivenciais”. A proposta interventiva foi apresentada pela extensionista em um vídeo inicial.

Os dois primeiros livros apresentam personagens que reconhecem que estão sendo discriminadas - em “Por que sou uma menina xadrez” (FRANCO; LOLLO, 2015), por causa da aparência, e, no caso de “Sulwe” (NYONG’O, 2019), mais abertamente por causa da cor da pele. As duas também contam com ajuda da mãe para resolução de problemas, deixando

clara a importância da presença de um adulto de confiança. De modo mais indireto quanto à presença de racismo, “O Menino Marrom” (PINTO, 1986) conta a história da amizade entre um menino marrom e um cor-de-rosa, desde o encontro deles ainda crianças até a separação, na adolescência. A cor da pele não é fonte de preconceito e discriminação, mas é motivo de reflexão ao longo da infância e para depois dela apenas no caso do menino marrom. São revelados, ainda, aspectos resilientes no personagem, que seguiu sua vida mesmo depois que seu melhor amigo se mudou para outra cidade. Essas histórias destacam o racismo que, segundo Ribeiro (2017), histórica e institucionalmente é silenciado. Além disso, deixam claras estratégias de enfrentamento por meio de avaliações mais amplas de contextos e de revisões pessoais.

Os demais livros são bilíngues e o texto em português é apresentado enquanto tradução do original, em alemão. As três histórias mostram situações em que se faz necessário lidar com pressões sociais negativas, seja nas exigências presentes em “Sapo” (HIMMELREICH et al., 2013), na avaliação inicialmente negativa diante de diferenças, em “A Princesa Melancia” (KIND, 2018), e nos comentários depreciativos em “Entra por um ouvido e sai pelo outro” (WINTERBERG, 2015). Diferentes vivências dolorosas e estratégias de superação são, portanto, apresentadas nas seis histórias.

Para favorecer ainda mais o contato com a língua alemã, à história “Sapo” (HIMMELREICH et al., 2013) foi adicionada uma música em alemão, com o pedido de que a criança tentasse identificar, nela, a palavra “Frosch” (que significa “sapo”), e em “A Princesa Melancia” (KIND, 2018), uma música que apresenta os números de 1 a 10 em alemão. Introduzimos a língua estrangeira como forma de possibilitar o contato com outra cultura e aguçar o prazer em fazer descobertas. Pretendíamos produzir uma sensação inicial de estranhamento que, sendo superada, abriria espaço à identificação e à construção de laços solidários, opostos a preconceitos e discriminações.

As entrevistas continham perguntas que relacionavam a história contada no vídeo às experiências das crianças, com objetivos variados. Por exemplo, algumas perguntas foram voltadas à identificação da criança com sua ascendência (“muitos povos diferentes foram se unindo para formar o povo brasileiro. Assim como a Menina Xadrez, você tem parentes que vieram de outros lugares?”) e autoimagem (“o menino marrom e o menino cor de rosa eram amigos. Se você fizesse parte dessa história, como você acha que seria chamada/o?” e “você

acha que Mia é uma menina brasileira como você? Por quê?”). Outras perguntas chamam mais atenção a trocas sociais, como no caso de possibilidade de empatia (“você tem ou já teve um apelido? Se sim, você gosta ou gostava dele? O que você pensa de apelidos?” e “as crianças dizem que o NãOval é um desajeitado. Será que ele acha fácil ouvir coisas tão duras o tempo todo? Como será passar um dia todo assim?”) e de identificação de erros e suas consequências (“Mia pensou que os sete anões tinham roubado a melancia e disse isso para eles, com raiva. Ela foi injusta com eles. Você acha que ela teve motivo para pensar que eles eram ladrões?” e “por que você acha que as flores tinham certeza que o hipopótamo era um sapo? Você já teve certeza de alguma coisa e depois viu que estava errado/a? Como foi?”).

Complementarmente, as entrevistas também foram pensadas de modo a enfatizar a possibilidade de ações práticas, como na resolução de problemas de forma assertiva (“Sinval é um menino que nem sempre quer dizer SIM. Quando ele quer dizer NÃO, ele diz que o nome dele não é SIMval, mas NãOval. E quando isso acontece, ele repete ‘entra por um ouvido e sai pelo outro’. Por que você acha que ele repete isso?”) ou mesmo por intermédio do uso da fantasia e da criatividade (“se você fosse voar em uma estrela cadente, para onde você iria?”). De modo mais direto, tivemos perguntas que fizeram referência à tolerância e à identificação com o diferente (“você iria querer ter uma amiga que nasceu de uma melancia?” e “pensando na Sulwe lembramos o quanto é bom termos amigos que gostam de nós como somos. Você acha que é um bom amigo / uma boa amiga?”).

Como todas as trocas ocorriam pelo WhatsApp, o envio de links era precedido de uma breve conversa por meio da qual a extensionista entrava em contato com detalhes acerca da relação que ia sendo estabelecida entre adultos e crianças. A finalização do processo de troca de mensagens e links foi realizada por meio de um formulário dirigido apenas ao adulto, com o pedido de que avaliasse a participação da criança e a sua própria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dois aspectos foram considerados como centrais na reelaboração deste estudo, no sentido do combate a preconceitos e discriminações por meio de intervenções mediadas pela internet: a criação de espaços não coercitivos em família e o favorecimento da autoestima das crianças e também de seus pais. Consideramos que as intervenções geraram resultados positivos com base nas respostas das crianças sobre suas próprias vivências diante das

experiências descritas nas histórias e também nas respostas dos adultos, ao refletirem sobre os filhos, sobre si próprios e sobre as relações estabelecidas pelas duplas.

Links que direcionavam a vídeos e a entrevistas on-line constituíram o principal recurso de comunicação utilizado entre extensionista e adultos, pois a partir destes se dava o acesso às crianças. A intervenção, portanto, teve que ser planejada cuidadosamente, de modo a permitir que as trocas familiares fossem ao mesmo tempo não coercitivas e favorecedoras da autoestima das crianças. Em alguns casos, dúvidas dos pais foram repassados à segunda autora, que entrou em contato com eles também pelo WhatsApp, compartilhando orientações quanto à necessidade de deixar a criança falar livremente, mesmo que as respostas se tornassem extensas, de demonstrar interesse e contribuir com suas próprias histórias.

Assim, as modificações no procedimento permitiram a criação de oportunidade de vivência de lazer em família, mantendo a ideia de criar espaço para trocas incentivadoras de respeito à diversidade. Conforme indicado por Sidman (1989), a participação em contexto social não coercitivo, solidário e colaborativo, favorece, de modo natural e espontâneo, o desenvolvimento de diferentes habilidades de vida que são incompatíveis com preconceitos e discriminações.

De modo geral, os participantes adultos revelaram que a pesquisa proporcionou momentos de troca positiva com as crianças. Ao qualificarem as relações estabelecidas, termos como “ótimo”, “gratificante”, “prazeroso”, “tranquilo” e “adorei” aparecem mais de uma vez. Vale ressaltar a seguinte resposta de uma mãe: “foi um momento de crescimento tanto para a minha filha quanto para mim, no qual pude ouvir ela em outra perspectiva e perceber o quanto ela cresceu”.

A ênfase na qualidade da relação com a criança revela impactos positivos sobre o sentimento de autoestima delas, considerando que, segundo Guilhardi (2002), a autoestima é favorecida quando a pessoa recebe atenção e amor incondicional - e, portanto, independentemente de seus acertos e erros, sucessos e fracassos. O olhar voltado ao ser humano, para além de seus comportamentos, favorecedor da autoestima, corresponde à aceitação plena das pessoas também independentemente de aspectos físicos, como a cor da pele ou o gênero, por exemplo.

Aqui merece destaque o relato de uma das mães, com o reconhecimento de que as interações com a filha deixaram transparecer “a importância da minha presença, e através das historinhas pudemos desenvolver diálogos sobre temas sensíveis”. O diálogo abriu espaço

para o reconhecimento de beleza e de mudança em direção a esse reconhecimento quanto à cor da pele do menino marrom e da Sulwe, respectivamente: “meu filho falou que o menino marrom era da sua cor e da cor de seu pai e de quanto ele gostava da sua cor”, e “minha filha se identificou com a Sulwe por se achar feia fisicamente e depois perceber que ela é linda por dentro e por fora”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reunir crianças em um grupo de contação de histórias como forma de construção e solidificação de valores incompatíveis com preconceitos e discriminações foi a estratégia inicialmente planejada pelo projeto “Literatura Infantil e Construção Social no Ensino Fundamental”. Dadas as restrições impostas pela situação de pandemia do novo coronavírus, a substituição da utilização de livros por vídeos disponibilizados no YouTube, com o auxílio complementar de entrevistas on-line, possibilitou que a ideia não se perdesse. As alterações nas estratégias interventivas foram detalhadas neste relato de experiência e nos permitem tecer algumas reflexões. Estas correspondem à realização do objetivo proposto neste estudo, de apresentar alterações realizadas no projeto de extensão e pesquisa devido à situação de pandemia do novo coronavírus.

O estudo original contava com a generalização das aprendizagens em grupo focal aos outros contextos de vida das crianças, como a família e a escola. Com as alterações sofridas, a família foi diretamente envolvida nas atividades, sendo aberto espaço para que a criança e o adulto vivenciassem trocas fortalecedoras do vínculo entre eles. Foi esperado que a criança sentisse a atenção especial que lhe era dedicada por ter o adulto não apenas assistindo vídeo com ela, como também lendo perguntas e anotando as respostas dela. Consideramos ainda que, trocando ideias com a criança e percebendo as diferentes perspectivas que ela adota, o adulto também aprenderia muito.

Trocas sociais alegres e na ausência de avaliações e julgamentos trazem com elas o fortalecimento de habilidades de vida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011). Em poucas palavras, proximidade e afeto, com apresentação de regras e limites claros, mas flexíveis, caracteriza o estilo parental democrático ou autoritativo, o qual mais favorece o desenvolvimento saudável da criança (SANTROCK, 2014).

A criança que conhece amor e respeito está mais preparada para adotar atitudes solidárias, incompatíveis com discriminações e preconceitos. É fundamental a sensação de pertencimento a uma família, que a menina que ficou curiosa com a sua aparência xadrez, diferente de todas as outras, buscou, assim como poder procurar e encontrar beleza - e respostas - dentro de si, como aconteceu com Sulwe. Amizades também podem despertar reflexões acerca de quem se é diante do outro, gerando autoaceitação e aceitação dos demais, como no caso do menino marrom que tinha um amigo cor-de-rosa e da menina que encontrou uma princesa nascida de uma melancia.

Por outro lado, a criança que cresce com a certeza de ser aceita e compreendida está mais preparada para desenvolver resiliência e, assim, reagir e solucionar conflitos caso, por exemplo, se torne vítima de discriminações e preconceitos (FISCHER; FRÖHLICH-GILDHOFF, 2019). É o que acontece com o rinoceronte, quando é confundido com um sapo, e com Sinval, que trazia “sim” no nome, mas também sabia dizer “não”.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 119-141, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.
- CRUZ, T. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. **Educação em Revista**, v. 30, n. 1, p. 157-188, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982014000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.
- DARWICH, R. A.; GARCIA, M. L. G. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. **Katálysis**, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades Sociais: intervenções efetivas em grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- DESLANDES, S.; COUTINHO, T. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n11/1678-4464-csp-36-11-e00223120.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2020.
- FISCHER, S.; FRÖHLICH-GILDHOFF, K. **Chancen-gleich. Kulturelle Vielfalt als Ressource in frühkindlichen Bildungsprozessen**: Manual zur Qualifizierung pädagogischer Fachkräfte. Stuttgart: Kohlhammer, 2019.

FRANCO, B.; LOLLO, J. C. **Por que sou uma menina xadrez**. São Paulo: Blocker, 2015.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. *In*: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B. (Orgs.), **Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. Santo André: ESETec., 2002. p. 63-98.

HIMMELREICH, S.; RIJO, T.; HANN, C.; PÁRAMO, P.; MATEJIC, M. **Sapo**. Lingolibros, 2013.

KIND, X. Y. **A Princesa Melancia**. Edição do Kindle, 2018.

MACHADO, F. L. Os novos nomes do racismo: especificação ou inflação conceptual? **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 9-44, 2000. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292000000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2020.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**, n. 5, p. 15-34, 2000.

NYONG'O, L. **Sulwe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

PACHANE, G. G.; SCHULZ, A. Contribuições da pesquisa-ação à articulação ensino, pesquisa e extensão na formação de professores. **Quaestio**, v. 13, n. 2, p. 223-250, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/698/722>. Acesso em: 11 maio 2020.

PERES, S. G.; NAVES, R. M.; BORGES, F. T. Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias. **Psicologia escolar e educacional**, v. 22, n. 1, p. 151-161, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018013877>. Acesso em: 20 maio 2020.

PINTO, Z. A. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

PORCACCHIA, S. S.; BARONE, L. M. C. Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. **Estudos de psicologia**, v. 28, n. 3, p. 395-402, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300012>. Acesso em: 12 mar. 2020.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SIDMAN, M. **Coercion and its fallout**. Massachusetts: Authors Cooperative, 1989.

SILVA, R. S. L. S. A arte de contar histórias na educação infantil. **Eventos pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 207-223, 2017. Disponível em:

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2835/2040>. Acesso em: 17 jun. 2020.

SILVA, S. G. Preconceito e discriminação: como bases da violência contra uma mulher. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300009>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SOUZA, L. O. D.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educare et educare**, v. 6, n. 12, p. 235-249, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 17 jun. 2020.

WINTERBERG, P. **Entra aqui, sai lá!** Edição do Kindle, 2015.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação.
Parecer nº 3.705.053 e CCAE: 24782619.9.0000.5173

Artigo recebido em 12 de julho de 2020.

Artigo aprovado em 28 de março de 2021.